

Reflexões sobre o PIBID e a transformação na formação educacional

Hosana Preciosa Francisco Santos¹, Jaqson Alves Santos², Paulo Vinícius Brito dos Santos Oliveira³

¹ Graduanda em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), 45987-000, Teixeira de Freitas/BA, Brasil

² Doutorando em Ensino. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais. Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Professor Adjunto da UFSB Campus Paulo Freire, 45987-000, Teixeira de Freitas/BA, Brasil

³ Docente de História e Sociologia. Colégio Estadual Democrático Ruy Barbosa (CEDERB), Teixeira de Freitas/BA - paulo_vinicius20@yahoo.com.br

*E-mail do autor correspondente: jaqsonalves@gmail.com

Submetido em: 17 fev. 2025. Aceito em: 18 jul. 2025

Resumo

A participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) constituiu uma experiência enriquecedora e transformadora, proporcionando crescimento acadêmico e pessoal. Durante esse período, foram concebidas duas oficinas de grande impacto pedagógico. A primeira, “Setembro Amarelo”, focalizou a conscientização sobre saúde mental, visando reduzir estigmas, promover apoio mútuo e capacitar os alunos para lidar com suas emoções e também auxiliar colegas. A segunda, sobre “hip-hop”, mostrou que esse movimento vai além da música, englobando dança, arte de rua, moda e linguagem, além de fortalecer a consciência negra e a diversidade cultural. A experiência demonstrou a importância do professor como mediador do ensino-aprendizagem e a relevância da colaboração entre universidade e escola. Durante o programa, foram desenvolvidas habilidades essenciais, como planejamento, execução e avaliação de atividades pedagógicas. A vivência em sala de aula e a interação com alunos e professores ampliou a compreensão dos desafios e potencialidades da prática docente. O Pibid reforça o compromisso com a educação e meu desejo de contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva. Essa experiência fortaleceu minha convicção sobre o papel transformador da educação e a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras e acessíveis.

Palavras-chave: Educação, Formação docente, Ensino-aprendizagem, Inclusão, Práticas pedagógicas.

Abstract

Reflections on PIBID and transformation in educational formation

Participation in the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (Pibid) was an enriching and transformative experience, fostering academic and personal growth. During the project, two high-impact pedagogical workshops were developed. The first, “Yellow September,” focused on mental health awareness to reduce stigma, promote peer support, and empower students to manage their emotions and assist their classmates. The second workshop, centered on “hip-hop”, demonstrated that the movement extends beyond

music to encompass dance, street art, fashion, and language while strengthening Black consciousness and cultural diversity. The experience highlighted the teacher's role as a mediator of the teaching-learning process and underscored the importance of collaboration between the university and the school. Essential skills planning, implementation, and assessment of pedagogical activities were cultivated, and classroom immersion, together with interaction with students and teachers, broadened understanding of the challenges and potentials of teaching practice. Thus, Pibid reinforces a commitment to education and contributes to a fairer and more inclusive society, confirming the transformative power of education and the need for innovative, accessible pedagogical practices.

Keywords: Education, Teacher Training, Teaching-Learning, Inclusion, Pedagogical Practices.

Introdução

A educação contemporânea configura-se como um ambiente dinâmico e desafiador, repleto de oportunidades para mudanças substanciais. No contexto atual, a busca por abordagens pedagógicas inovadoras e eficazes tem sido priorizada, pois se impõem desafios no cerne da educação do século XXI, que abrange desde a diversidade cultural e social nas salas de aula até a necessidade de adaptação às tecnologias emergentes no processo educativo.

Neste panorama em constante evolução e enfrentamento de desafios dinâmicos, a busca por práticas pedagógicas inovadoras torna-se cada vez mais premente. Em meio a esta paisagem em transformação, a educação está se configurando como um campo propício para a introdução de abordagens que transcendem as fronteiras convencionais do ensino.

É neste contexto de mudança e evolução na educação que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) emerge como agente catalisador de transformação, possibilitando uma revolução silenciosa nas salas de aula e, conseqüentemente, na formação acadêmica dos futuros educadores.

Poder-se-ia recordar como quem entreabre as cortinas de um palco onde múltiplas vozes disputam sentidos que o Pibid, forjado sob a

égide da Portaria MEC n.º 38 em 2007 (Brasil, 2007) e adensado pela Portaria CAPES n.º 260/2010 (Brasil, 2010), irrompe não apenas como resposta administrativa, mas, sobretudo, como interrogação viva lançada ao velho confronto entre o saber tecido nos claustros universitários e a prática palpitante das salas de aula das escolas públicas. Dir-se-ia, então, que esse desenho inaugural, alicerçado na imersão precoce do licenciando, figura ainda em trânsito identitário, articula-se em subprojetos que percorrem áreas diversas do conhecimento, sob o olhar atento de mestres da educação básica e a mão orientadora de professores universitários, numa tessitura que responsabiliza a todos por cada gesto formativo.

Entre 2009 e 2023, indicam dados da CAPES (Brasil, 2022), mais de 90 mil jovens atravessaram tais veredas, espalhando-se por 4.515 subprojetos em 1.142 municípios, números que, longe de meras estatísticas, revelam uma circulação de vozes, valores e práticas que reconfiguram o mapa afetivo-pedagógico do país. Não é fortuito, portanto, que as universidades federais, convocadas historicamente a negociar seu lugar entre a torre de marfim e a ágora social, tenham firmado convênios com escolas-campo, transformando-as em laboratórios vivos onde a teoria se deixa interpelar pelo imprevisível da experiência - como já insinuavam Gatti e Nóvoa

(2020). Assim, pode-se considerar que o Pibid se tornou um fio de conversação orgânica entre universidade e escola, desfazendo o estágio-vitrine e instaurando o princípio ético da coformação, pelo qual cada sujeito (professor ou licenciando) se reconhece incompleto, necessitado do outro para, novamente, tornar-se palavra responsável no mundo.

Apesar da vasta produção sobre programas de iniciação à docência, poucos estudos descrevem, em profundidade, experiências de licenciandos em subprojetos de História e Sociologia no interior da Bahia, articuladas a temáticas de saúde mental e cultura hip-hop, lacuna que este artigo busca preencher. Contudo, estudos de subprojetos que integram História e Sociologia ao ensino de temática afro-brasileira a exemplo de Boudoux (2019) e Cunha, Pereira e Silva (2017/2018), evidenciam potenciais de diálogo crítico, mas ainda carecem de aprofundamento empírico em contextos do interior baiano. A opção por oficinas sobre saúde mental e hip-hop decorre do reconhecimento de que o currículo crítico-emancipatório de História e Sociologia demanda dialogar com questões juvenis contemporâneas, conectando formação inicial e vivências culturais dos estudantes.

O Pibid é uma iniciativa que se insere na Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação, com o propósito de fomentar o ingresso na carreira docente (Brasil, 2023). Participar deste programa proporciona aos estudantes de licenciatura, especialmente àqueles que estão iniciando na educação, a oportunidade de conhecer a dinâmica da sala de aula, observar o professor lidando com questões escolares e gerenciando o tempo dentro e fora da sala, além de possibilitar o diálogo com a direção escolar, coordenadores pedagógicos, outros professores e demais funcionários, visando

compreender melhor a gestão de um ambiente que demanda elevada responsabilidade de todos os envolvidos para seu bom funcionamento.

Tal oportunidade é oferecida aos alunos que estão na primeira metade dos cursos de licenciatura, contribuindo para o desenvolvimento do futuro docente de forma mais orgânica. Participar do programa permitiu perceber a diferença entre a teoria acadêmica e sua aplicação prática, mudando minha percepção sobre o papel do professor.

Além disso, são concedidas bolsas tanto aos licenciandos quanto aos professores supervisores das escolas públicas e das Instituições de Ensino Superior (IES) envolvidas, condição que garante o bom desenvolvimento do projeto.

O presente artigo objetiva relatar a experiência vivenciada no âmbito do Pibid, descrevendo os caminhos de ingresso e de conclusão no programa. Ao longo do percurso, foram enfrentadas situações diversas e momentos desafiadores que quase culminaram em desistência; tais obstáculos, contudo, foram superados, evidenciando-se que o trabalho docente não constitui empreitada solitária, mas cooperação contínua entre professor e estudante, condição imprescindível para que o processo de aprendizagem se torne agradável e produtivo.

A seguir, descrevem-se os métodos adotados, apresentam-se os resultados das oficinas e discutem-se as implicações para a formação docente.

Material e Métodos

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza descritivo-exploratória, desenvolvida sob a perspectiva da pesquisa-ação em ambiente escolar, conforme delineado por Thiollent (2011) e ampliado por Franco (2005). Optou-se ainda por um estudo de caso único (Yin,

2016), por se investigar em profundidade um subprojeto específico do Pibid em sua interação com a escola-campo. A abordagem qualitativa, ancorada em Bogdan e Biklen (1994), viabiliza a compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às práticas pedagógicas e aos processos formativos.

O envolvimento do Pibid com o Colégio Estadual de Tempo Integral Ruy Barbosa data de 2010. Contudo, foi em 2014, com a aprovação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para a implementação de um novo programa nas áreas de História e Biologia, que se inaugurou nova fase nessa parceria entre a instituição de ensino e a universidade. Desde então, o programa tem perdurado na mencionada instituição educacional.

O Colégio Estadual de Tempo Integral Ruy Barbosa, fundado em 1988, passou por uma fase de expansão em 2010, quando ocorreu sua fusão com o Colégio Estadual Miguel Ângelo Magalhães, conferindo-lhe a classificação de escola de grande porte, devido ao aumento significativo do número de alunos atendidos. Localizado na região central de Teixeira de Freitas (BA), na Rua Leur Lomanto, s/nº, o colégio atende a uma diversificada clientela composta por crianças, adolescentes e adultos provenientes de diversas áreas da cidade, incluindo aqueles que concluíram o Ensino Fundamental em escolas municipais e privadas, além dos interessados na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) para a conclusão do Ensino Médio.

A estrutura física do colégio, engloba 18 salas de aula, uma biblioteca, uma cozinha, um refeitório, um auditório e uma sala de vídeo. Além disso, dispõe de duas quadras poliesportivas, uma delas coberta. Atualmente, o colégio funciona em três turnos (matutino, vespertino e

noturno) e atende a um total de 1.028 alunos matriculados nos três anos do Ensino Médio, além de 203 alunos matriculados nas modalidades EJA e Tempo Juvenil, esta última destinada a adolescentes de 15 a 17 anos que interromperam a trajetória escolar e, por meio de currículo flexibilizado e projetos integrados de vida e trabalho, buscam concluir a educação básica em período reduzido.

O corpo docente é constituído por 44 professores efetivos, complementado por 5 professores contratados, abrangendo diversas áreas de especialização educacional. A gestão administrativa está sob a responsabilidade de três diretoras.

Em termos de recursos digitais, o colégio oferece acesso à *internet* para os alunos e professores, bem como disponibiliza televisões em todas as salas. No entanto, não são disponibilizados computadores para uso dos estudantes. No que se refere a materiais didáticos, todos os alunos possuem livros didáticos, sendo necessário que os professores tragam materiais adicionais, caso desejem explorar conteúdos além do material didático fornecido.

Esse contexto infraestrutural e humano fundamentou as etapas de observação e intervenção descritas a seguir.

Neste estágio inicial, procederam-se às observações na escola, visando compreender o ambiente e interagir com seus diversos espaços, como a biblioteca, sala de informática (cujo uso pelos alunos é bastante restrito, devido à baixa qualidade da *internet* e à lentidão dos equipamentos), áreas ao ar livre e auditório. Embora a escola disponha de alguns *chromebooks*, eles são geralmente utilizados apenas em situações pontuais, como inscrições em processos seletivos ou plataformas oficiais, o

que limita seu uso pedagógico regular pelos estudantes.

A partir de 2023, o grupo foi dividido para facilitar o auxílio aos professores em sala de aula de maneira mais organizada. As atividades na escola consistiam em dois encontros semanais: em um dia, realizavam-se reuniões para alinhar as ações com o professor supervisor, discutindo temas a serem abordados em sala de aula e projetos em desenvolvimento na escola; no outro dia, eram realizadas observações individuais ou em duplas nas salas de aula.

Participar desse processo de observação foi simultaneamente desafiador e esclarecedor. Ao adotar-se a perspectiva do professor, tornou-se possível compreender diversos aspectos que anteriormente nos escapavam como alunos. Tornar-se professor não é uma tarefa simples, especialmente considerando as restrições de tempo de aula, a fadiga dos alunos que trabalham, aqueles que frequentam a escola por imposição dos pais e aqueles que, embora possam não gostar, reconhecem a importância da educação como um caminho para um futuro promissor.

Assumir a responsabilidade de mostrar aos alunos o valor da educação é desafiador, especialmente quando confrontados com preconceitos e experiências prévias dos alunos. Relacionado a isso, Antônio Nóvoa (2009, pág. 03) diz que:

“Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do ethos profissional docente (NÓVOA, 2009).”

Apesar das adversidades enfrentadas pelo sistema educacional, constata-se que é gratificante fazer parte dele. A participação precoce no programa durante a graduação proporcionou perspectiva única, repleta de momentos desafiadores e de reflexão sobre os desafios e as alegrias do ensino.

Refletindo sobre nossos estudos e experiências práticas, percebeu-se que foram adquiridos conceitos fundamentais que nos prepararão para nosso futuro como educadores. Aguarda-se, com expectativa, o momento em que serão assumidas turmas próprias. Reconhece-se a importância de ser assertivo, mantendo a integridade e o respeito pelos que nos precederam, mesmo enquanto se forja o próprio caminho e se contribui para a história da educação. Nóvoa (2009, pág. 30), recorda que o bom professor se forma no trabalho coletivo e no diálogo com colegas mais experientes: “é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”.

Ao “olhar de fora”, pode-se construir, junto ao professor regente, ideias que facilitem as atividades. Contudo, nem sempre tais ideias são implementadas com facilidade, devido à carga horária, que ficou bastante reduzida neste ano de 2023, principalmente nas disciplinas de ciências humanas. Como alternativa, foram desenvolvidas oficinas relacionadas a temas específicos, mas de extrema relevância. Duas delas: Oficina Setembro Amarelo e Oficina de hip-hop, realizada no Dia da Consciência Negra, serão relatadas na seção seguinte.

Atividade i – Oficina setembro amarelo

A oficina dedicada ao Setembro Amarelo constituiu marco significativo na escola, proporcionando uma oportunidade crucial para ampliar a conscientização sobre a saúde mental,

mitigar o estigma associado a questões psicológicas, identificar precocemente possíveis problemas de ordem mental, fomentar uma cultura de apoio mútuo entre os alunos e dotá-los de habilidades essenciais para zelar por sua própria saúde mental, bem como para oferecer suporte aos seus pares em momentos de necessidade.

Falar sobre o suicídio é considerado delicado, porém não pode ser um tabu. Segundo a Organização das Nações Unidas (2023), embora prevenível, o suicídio causa a morte de 700 mil pessoas por ano e é a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. Fez-se, portanto, necessária a inserção do tema, justamente para que os alunos pudessem entender a história inicial da campanha e, mais do que isso, pudessem refletir sobre o tema e também se expressar, pois falar sobre o tema é justamente uma forma de prevenção; houve uma certa resistência, o que já era esperado.

As atividades foram realizadas nas turmas de 1ª série do ensino médio, os alunos participaram da dinâmica, assistiram a um vídeo e discutiram sobre suas reflexões acerca do assunto proposto, conheceram a história do Setembro Amarelo, como começou e o que incentivou a iniciar essa campanha; como atividade eles receberam duas folhas: uma com palavra-cruzada e outra folha em branco para que pudessem escrever uma carta sobre eles, seu teor foi confidencial. Fizeram poemas e desenhos. Foram histórias lindas e depoimentos tímidos, mas muito gratificante ver que eles de alguma forma puderam se expressar. As atividades entregues foram as formas de descobrir como eles entediam e lidavam com essa questão. O maior objetivo da proposta foi

fornecer-lhes informações essenciais sobre o tema.

Torna-se fundamental que a discussão sobre saúde mental e prevenção do suicídio perdure durante todo o ano letivo, mantendo-se atenção contínua ao comportamento dos alunos. A Figura 1 apresenta o *card* utilizado para divulgação da oficina e a Figura 2 exibe a folha da palavra-cruzada e a folha para a confecção da carta.



Figura 1. Card utilizado para divulgação.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em resumo, falar sobre o Setembro Amarelo no contexto escolar contribuiu para a conscientização dos alunos sobre a importância da saúde mental, facilitou a identificação de sinais de alerta de problemas de saúde mental e suicídio e estimulou o diálogo aberto sobre um tema muitas vezes considerado tabu. Ao fornecer informações, recursos e suporte, a escola reforça a prevenção do suicídio entre os jovens, orientando-os a lidar com suas próprias dificuldades e a apoiar os outros ao seu redor.

Atividade ii – Oficina de hip-hop

A proposta da Oficina de hip-hop para o Dia da Consciência Negra surgiu após participação em uma aula do XI Seminário de Pesquisa e Extensão do Extremo Sul da Bahia (SEPEX), realizado no Campus X da UNEB em outubro de 2023, ocasião em que foi relatada a experiência

no Pibid e foi possível ouvir depoimentos de

outros participantes do programa.

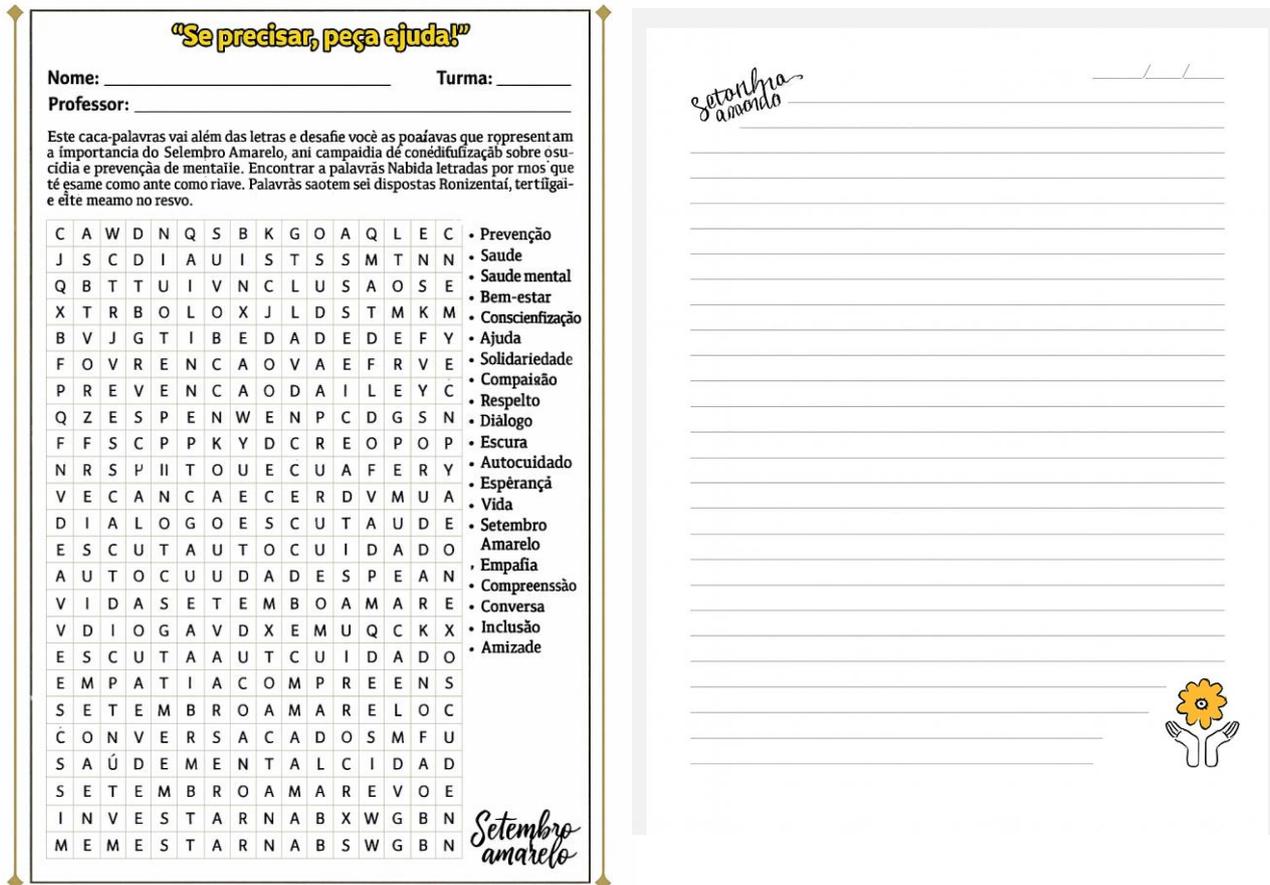


Figura 2. Folha da palavra-cruzada e folha para confecção da carta.

Fonte: Arquivo pessoal.

É preciso ser muito criativo para evitar aulas monótonas, torna-se necessário recorrer a estratégias criativas; nesse sentido a utilização de gêneros musicais atrai a atenção dos alunos.

Falar sobre hip-hop na sala de aula é importante por várias razões que se estendem além da mera apreciação musical. Este gênero cultural, que surgiu nas comunidades urbanas dos Estados Unidos na década de 1970 e desde então se espalhou globalmente, possui uma riqueza de elementos que podem enriquecer o currículo educacional de diversas maneiras. A seguir estão algumas razões fundamentais para incluir o hip-hop no contexto da sala de aula:

1. **Expressão Cultural e Identidade:** O hip-hop é muito mais do que apenas música; é uma forma de expressão cultural que abrange elementos como dança, arte visual, moda e linguagem. Ao estudar o hip-hop, os alunos têm a oportunidade de explorar e entender as diferentes formas de expressão cultural, bem como as identidades das comunidades de onde o hip-hop se originou.
2. **Contextualização Histórica e Social:** O hip-hop surgiu em meio a condições sociais específicas, incluindo pobreza urbana, segregação racial e desigualdade econômica. Ao estudar o hip-hop, os alunos podem entender melhor o contexto histórico

e social que levou ao seu surgimento, incluindo questões como a guerra às drogas, a brutalidade policial e o movimento pelos direitos civis.

3. **Análise de Letras e Poesia:** As letras das músicas de hip-hop frequentemente abordam questões sociais, políticas e pessoais de uma forma poética e perspicaz. Estudar as letras do hip-hop pode ajudar os alunos a desenvolverem habilidades críticas de análise textual e compreensão de metáforas, simbolismo e narrativa.
4. **Exploração de Questões Sociais:** O hip-hop frequentemente aborda temas como racismo, violência, desigualdade, justiça social e identidade cultural. Ao discutir esses temas por meio do hip-hop, os alunos podem explorar questões importantes e relevantes para suas próprias vidas e para o mundo ao seu redor.
5. **Estímulo à Criatividade e à Autenticidade:** O hip-hop é uma forma de arte que valoriza a autenticidade, a originalidade e a criatividade. Ao estudar o hip-hop, os alunos são encorajados a desenvolver sua própria voz e a expressar suas próprias experiências e perspectivas de uma forma autêntica e criativa.
6. **Conexões Interdisciplinares:** O hip-hop pode ser integrado a uma variedade de disciplinas acadêmicas, incluindo literatura, história, sociologia, antropologia, estudos culturais, arte e música. Ao incorporar o hip-hop ao currículo, os educadores podem criar experiências de aprendizado interdisciplinares que são mais envolventes e relevantes para os alunos.

Com o tempo de sala reduzido, optou-se por aplicar a oficina no dia do evento da Consciência Negra (20 de novembro) com convidados

externos. Observou-se timidez no início, mas depois os alunos se soltaram e tiveram uma boa participação, porém esperava-se um pouco mais, o tempo foi pouco e muitos alunos não conseguiram participar.

Diferentemente da Oficina do Setembro Amarelo onde os alunos produziram materiais, a Oficina de hip-hop apresentou impactos menos mensuráveis; entretanto, teve-se uma avaliação positiva por parte da coordenação da escola e alguns questionamentos dos alunos que não conseguiram participar.

Aplicar essas oficinas mostrou-se desafiador. Falar sobre um tema difícil como o suicídio, especialmente em um tempo em que os alunos enfrentam cada vez mais doenças psicológicas, exige sensibilidade. Esperar que eles se expressem pode parecer contraditório, já que muitos se escondem em seus próprios sentimentos - mas, de certa forma, esse silêncio também é uma forma de expressão. O hip-hop, embora ainda cercado de polêmicas, enfrenta os preconceitos e tem se consolidado como uma importante forma de expressão, promovendo o autoconhecimento e valorizando a autenticidade de cada indivíduo.

O hip-hop vem cada vez mais sendo utilizado como objeto de estudo em universidades, principalmente as brasileiras, especialmente após a promulgação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003).

“Se antes essas expressões eram marginalizadas no contexto acadêmico do país, hoje, quando o movimento completa 50 anos no mundo, elas começam a ser vistas como “explicações sócio-históricas de como o Brasil funciona”, observa o antropólogo Waldemir Rosa, da Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila) (Queiroz, 2023, s.p).”

A Figura 3 apresenta uma imagem de um passo da coreografia de hip-hop desenvolvida na oficina.

Entre os objetivos da iniciativa destaca-se o de fornecer informações para que o aluno se torne crítico, possa refletir sobre suas ações e ter consciência de sua própria realidade.



Figura 3. Oficina de hip-hop.

Fonte: Arquivo pessoal.

Resultados e Discussão

Em 2002, ao ingressar no ensino médio, a autora desse artigo optou pelo Curso Normal (Magistério). Entretanto, por razões não precisadas, essa trajetória foi interrompida. Vinte e dois anos depois, ela efetivou a matrícula no curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e Suas Tecnologias na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), campus Paulo Freire, em Teixeira de Freitas (BA), contexto em que ocorreu o primeiro contato com o Pibid.

Em outubro de 2022, a autora se integrou ao Pibid, em um período quase ao término do ano letivo. O grupo de participantes não foi extenso, refletindo as limitações de vagas disponíveis em decorrência do contexto socioeconômico desafiador, no qual os investimentos na área educacional eram subestimados, resultando em impactos negativos. Sob a coordenação local do

Professor Me. Jaqson Alves Santos (UFSB) e a supervisão do Professor Me. Paulo Vinícius Brito (CEDERB), as atividades foram iniciadas no Colégio Estadual de Tempo Integral Ruy Barbosa, em Teixeira de Freitas (BA).

A participação no Pibid revelou-se uma experiência transformadora, proporcionando um aprofundamento tanto teórico quanto prático sobre os desafios e as potencialidades da formação docente. Entre os desafios enfrentados, destacaram-se a adaptação ao ambiente escolar, a necessidade de lidar com turmas heterogêneas e a dificuldade de programar metodologias inovadoras diante de limitações estruturais e curriculares. Além disso, a conciliação entre a teoria acadêmica e a prática docente exigiu uma constante ressignificação das estratégias pedagógicas adotadas. Os resultados obtidos através das atividades realizadas indicam que a imersão dos bolsistas no ambiente escolar favorece o desenvolvimento de habilidades essenciais para a prática pedagógica, como planejamento, execução e avaliação de ações educativas. Evidências qualitativas, como relatos reflexivos dos bolsistas e *feedbacks* de professores supervisores, indicam melhorias na autonomia e na capacidade de mediação do ensino. Além disso, registros das oficinas e questionários aplicados aos alunos demonstram um impacto positivo na compreensão dos conteúdos abordados. O contato direto com alunos e professores permitiu uma compreensão mais ampla sobre a dinâmica escolar, incentivando reflexões críticas sobre o papel do educador na construção de uma educação inclusiva e significativa.

A Oficina Setembro Amarelo evidenciou a importância da discussão sobre a saúde mental dentro do contexto escolar. Foi observada uma resistência inicial ao abordar tema tão delicado,

com alguns alunos evitando participar ativamente das discussões. No entanto, à medida que a atividade progrediu e as dinâmicas interativas foram aplicadas; muitos estudantes compartilharam experiências pessoais e reflexões profundas sobre o impacto da saúde mental em suas vidas. Relatos escritos revelaram sentimentos de ansiedade e insegurança, enquanto outros alunos destacaram a importância de espaços de acolhimento dentro da escola. A oficina proporcionou um ambiente de troca e empatia, promovendo o fortalecimento dos laços entre os participantes e reforçando a necessidade de apoio mútuo na comunidade escolar. A atividade foi bem recebida pelos estudantes, que, apesar de uma certa resistência inicial, participaram ativamente das dinâmicas propostas. A análise das produções dos alunos, como cartas, poemas e desenhos, revelou a necessidade de um espaço seguro para expressão de sentimentos e emoções. Esses registros mostraram que muitos estudantes se identificam com o tema e valorizam momentos de reflexão sobre suas próprias experiências. Assim, a oficina não apenas abordou a prevenção ao suicídio, mas também contribuiu para a conscientização sobre a importância do acolhimento e do suporte emocional na escola.

Por sua vez, a Oficina de hip-hop destacou-se como uma estratégia pedagógica inovadora para o ensino de história e cultura afro-brasileira. Através dessa abordagem, foi possível explorar aspectos culturais e sociais do movimento hip-hop, promovendo discussões sobre identidade, resistência e expressão artística. Os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre a importância do hip-hop como ferramenta de luta contra a discriminação racial e de valorização da cultura negra. Apesar da limitação de tempo, a interação dos alunos mostrou que o tema

desperta interesse e que o uso de múltiplas linguagens na sala de aula é uma alternativa viável para dinamizar o ensino e engajar os estudantes.

A interação entre os pibidianos e os professores supervisores foi um aspecto relevante para a formação docente. Em um dos encontros, por exemplo, um professor supervisor compartilhou estratégias para engajar alunos desmotivados, o que inspirou os bolsistas a adotarem metodologias mais dinâmicas em suas atividades. Além disso, um bolsista relatou como o suporte contínuo de um professor supervisor o ajudou a superar a insegurança ao conduzir uma aula, fortalecendo sua confiança e habilidades pedagógicas. Esses momentos demonstraram a importância do diálogo entre diferentes gerações de educadores na construção de uma prática docente mais eficaz e reflexiva. A troca de experiências permitiu uma compreensão aprofundada sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores na rede pública, como a sobrecarga de trabalho e a falta de recursos didáticos adequados. A observação das práticas pedagógicas em sala de aula evidenciou a necessidade de estratégias inovadoras para tornar o ensino mais atrativo e significativo para os alunos.

A experiência sinalizou o distanciamento entre teoria e prática na formação de professores. O distanciamento entre os conteúdos acadêmicos e a realidade das escolas públicas foi um dos desafios enfrentados pelos bolsistas. A experiência no Pibid reforçou a necessidade de uma formação mais alinhada às demandas do cotidiano escolar, com ênfase na prática reflexiva e na capacidade de adaptação dos futuros professores.

Diante dos resultados obtidos, observa-se que o Pibid é um programa essencial para a

formação inicial de professores, proporcionando experiências enriquecedoras que ampliam a compreensão sobre a docência e fortalecem o compromisso dos licenciandos com a educação. No entanto, para aprimorar ainda mais o programa, recomenda-se considerar a ampliação das horas de imersão nas escolas, a diversificação das metodologias adotadas e a inclusão de um espaço formal para avaliação contínua das práticas realizadas. Além disso, propõe-se um diálogo mais próximo entre bolsistas, professores supervisores e gestores educacionais para potencializar o impacto da formação docente, garantindo um preparo ainda mais sólido para os desafios da sala de aula. As atividades desenvolvidas não impactaram apenas os bolsistas, mas também contribuíram para a escola e para os alunos, evidenciando a importância da articulação entre universidade-educação básica para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva.

Considerações Finais

O projeto Pibid da UFSB, nas áreas de História/Sociologia, durante o ano de 2023, desempenhou um papel fundamental no aprimoramento dos futuros docentes. Ao integrar teoria e prática, proporcionou-se imersão valiosa no ambiente escolar e na realidade do dia a dia. Essa experiência promoveu o desenvolvimento de habilidades práticas essenciais à carreira docente e fortaleceu a autonomia pedagógica dos licenciandos.

A colaboração entre diferentes áreas do conhecimento também promoveu uma compreensão mais ampla dos temas abordados, enriquecendo a experiência tanto dos bolsistas quanto dos alunos das escolas participantes. Essa troca de conhecimentos e experiências

contribuiu significativamente para uma educação mais completa e de qualidade.

Ao promover a articulação orgânica entre universidade e educação básica, o Pibid favorece simultaneamente a formação inicial dos licenciandos bolsistas e o desenvolvimento profissional dos professores da rede pública que os acompanham; em outras palavras, o processo de ensino-aprendizagem ganha excelência justamente porque se alicerça no diálogo entre futuros docentes e docentes em exercício, portadores de experiência concreta. Essa reciprocidade, licenciando que aprende com a prática escolar e professor que reflete sobre a própria prática à luz da investigação universitária, beneficia ambos os grupos, reafirmando que o conhecimento se constrói na relação entre sujeitos. Como lembra Paulo Freire:

“[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência; as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2014, p. 25).”

Reconhece-se que nenhum educador detém todo o saber; o conhecimento aperfeiçoa-se cotidianamente. Ressalta-se, por fim, a relevância de investimentos contínuos na formação de professores e na valorização da educação, fatores decisivos para a construção de práticas pedagógicas inovadoras e socialmente comprometidas.

Agradecimentos

Serei eternamente grata pela experiência que tenho vivido até aqui, a convivência com os colegas no projeto que tanto colaboraram para meu crescimento profissional, ao professor Me. Jaqson Alves Santos pela oportunidade, pela escuta, pelos encontros formativos que tanto nos ensinaram e ao professor Me. Paulo Vinícius por cada aprendizado e por cada experiência compartilhada.

Referências

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. 6. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BOUDOUX, A. S. T. O PIBID/História na UNEB e as demandas identitárias do tempo presente. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 34, p. 115-133, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338028076_O_PIBIDHistoria_na_UNEB_e_as_demandas_identitaria_s_do_tempo_presente. Acesso em: 05 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1, p. 1, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 38, de 28 de fevereiro de 2007**. Institui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 1º mar. 2007. Seção 1, p. 29.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Portaria nº 260, de 30 de dezembro de 2010**. Dispõe sobre a execução do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 31 dez. 2010. Seção 1, p. 36.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. *PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Brasília: CAPES, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>. Acesso em: 5 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. *PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*. Brasília: CAPES, 2023.

Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid>. Acesso em: 5 fev. 2024.

CUNHA, M. de L.; PEREIRA, R.; SILVA, C. L. O Congado e o Jongo na escola. **Caderno de Educação**, ano 20, n. 50, p. 67-74, 2017/2018. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/3323>. Acesso em: 05 jul. 2025.

FRANCO, M. A. R. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. 2. ed. Lisboa: Edições Plátano, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 25.

GATTI, B. A.; NÓVOA, A. **Formação de professores: complexidade e interdependência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). ONU News. **Dia Mundial da Prevenção do Suicídio realça perda de 700 mil pessoas por ano**. 10 set. 2023. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2023/09/1820187>. Acesso em: 1º mar. 2024.

QUEIROZ, C. **Hip-hop começa a se consolidar como campo de estudos acadêmicos**. Pesquisa FAPESP, ed. 334, dez. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/hip-hop-comeca-a-se-consolidar-como-campo-de-estudos-academicos/>. Acesso em: 1º mar. 2024.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.